

Os desafios do PT e da DS – O SUS e a Cidade do Encontro | Maria Angélica de Salles Dias

01/12/2021

Contribuições da Saúde para a DS – Conferência Estadual Os desafios do PT e da DS – O SUS e a Cidade do Encontro

Conjuntura: Apontamentos no Brasil e MG

O fascismo e o desrespeito a valores éticos e a vida, bem como a destruição de direitos do povo brasileiro e o ataque a políticas públicas de proteção implementado ao longo do processo do golpe e aprofundado no Governo Bolsonaro nos faz repensar nossas construções.

Fruto do golpe midiático, legislativo com contribuições decisivas e armadas de instâncias do judiciário se consolidou o impeachment da Presidenta Dilma e depois a inelegibilidade de Lula. Neste processo “nas membranas finas do “Ovo da Serpente” se via já o réptil perfeito que, hoje, tem assolado sem tréguas nossas vidas.”

A Pandemia foi o ápice deste estado de coisas. Escancarou as desigualdades em especial para aqueles que acumulam desvantagens sociais, culturais e econômicas ao longo dos anos e mostrou sua face mais cruel quando desrespeitou a ciência, as autoridades sanitárias nacionais e internacionais e se desresponsabilizou pela coordenação de governo no cuidado na pandemia, com o povo brasileiro.

O SUS, em contrapartida, mostrou seu gigantismo, mas diante da ausência de uma autoridade central responsável e de ação conjunta entre os entes federados e com representações de diversos segmentos da sociedade, em muitos momentos se vê diante de dificuldades frente a gravidade da pandemia e de tanto negacionismo e desorganização.

Sem citar as inúmeras falhas ao longo deste mais de 1 ano e meio a prática genocida do Governo Bolsonaro e Guedes se evidencia grosseiramente com a corrupção e atraso nas negociações e na implementação de nosso bem mais precioso para preservar a vida neste momento – “A VACINA”. Evidência maior não há quando quase mais de 600.000 vidas se perderam e se foram em tantos Estados, literalmente asfixiadas por falta de oxigênio e se submeteram a dor e a morte sem os anestésicos necessários a manutenção da intubação e da própria vida ou morreram em domicílios nas comunidades, sem assistência pelas ESF e falta de leitos.

Aqui cabe ressaltar que o SUS mostrou ser gigante mas também mostrou as desigualdades estruturais entre estados e cidades brasileiras fruto também, das construções anteriores. Desde o seu nascedouro, na constituição de 88, sofre crise crônica de desfinanciamento e de modelo de gestão, num hibridismo público e privado, sem regulação do mercado que vende serviços ao SUS, com expansão de planos de saúde e de renúncias fiscais abusivas a este mercado que impedem que estes recursos sejam do Estado, para financiar o SUS. Marcado por governos neoliberais ou liberais (Collor, Itamar, FHC) quebrou seus princípios constitucionais de universalidade, integralidade e de direito de todos e dever do Estado, com qualidade e equidade. Nunca esteve como prioridade no que representa de política inclusiva e distributiva: De todos, priorizando os mais vulneráveis.

Mesmo nos nossos governos, e Lula até apontou, cambaleou no seu financiamento e na sua priorização.

Apesar de ampliação de serviços e investimento claro no modelo assistencial calcado nas ESF e na integralidade do cuidado em saúde (Brasil Sorridente, Farmácia Popular, SAMU, UPAS e Hospitais Regionais), se calou, às vezes assimilou, ainda que levemente, a expansão do sistema privado de saúde. Mas esteve Vivo...

Posteriormente o SUS sofreu duro golpe, pós golpe da presidenta Dilma com a EC 95, aprofundado no governo Bolsonaro com o fim do Programa Mais Médicos, a 2979 e a PEC 186 com estrangulamento de seu orçamento em mais de 20 bilhões em 2021. Quando mais precisa ser gigante no pós COVID o Ministério e o Governo se vê deixando que o privado invada a sua gestão (OS, PPPs, a terceirização do vínculo dos trabalhadores do SUS) e o seu financiamento.

Também em outra ponta a falência da economia anterior e durante a pandemia, a destruição do meio ambiente, o desemprego, o pífio auxílio emergencial, a precariedade das condições de vida pela insuficiência de políticas públicas mitigadoras da desigualdade e promotoras de dignidade e a fome voltam a aturdir a população. Não à toa morreram mais negros, os mais pobres e residentes em vilas e favelas, sem dizer das mulheres vitimadas pela violência e óbitos maternos.

Aqui cabe dizer do que a COVID desnudou, sobre a concepção de saúde e de suas conexões, já ditas na constituição de 1988, com as desigualdades sociais estruturais e o acesso desigual a políticas públicas de moradia, transporte público, emprego e renda, segurança alimentar, educação, agora o acesso a internet, e tantas outras... Quem mais sofreu é quem tinha menor acesso a elas. O meio ambiente desmatado e achincalhado no Mundo Todo, fez surgir a COVID, porque matou seus hospedeiros naturais nas florestas, e no Brasil ainda matou índios acometidos da doença dos brancos e das cidades...

Também aqui cabe dizer do Governo Zema que fez em 2020 superavit de 6 bilhões na pandemia² e foi hábil em seguir as orientações do Gov Federal no que diz respeito ao controle dos gastos públicos e as diretrizes, muito mais voltadas para a economia do que para a saúde do povo mineiro – O Minas Consciente. Onde está, mesmo com dinheiro em caixa, o auxílio emergencial para as pessoas vulneráveis? Viram bem, em muitos municípios, sobre o papel insuficiente da atenção básica e ações de vigilância a saúde (sem testagem e sem busca de casos nos domicílios), nas urgências e suas portas de entrada e testagem, além da ausência de planos regionais para o contingenciamento da pandemia, sabem vocês marcadas pelas dificuldades de internações e tantas vidas perdidas.

Agora no Pós Covid que mais precisa ser grande, porque muitas pessoas necessitarão dele pelas complicações, sabemos bem em MG a insuficiente rede de cuidados em muitas cidades: na APS, na especializada e de reabilitação. Também sabemos bem a sua sanha privatista com OS na saúde (hospitais regionais, FHEMIG e FUNED) e também na educação. Não é capricho ser contra as OS e PPPS. Estas formas de gestão, precarizam o trabalho (terceirização, ausência de concurso público) e instabilizam o cuidado em saúde pois que trabalhadores são facilmente demitidos ou pedem demissões. O privado não se responsabiliza com a Vida e só se preocupa com gastos e seu lucro...

Mas, voltando, ainda assim com as contradições do SUS ele está mais visível na sociedade, porque acolheu e salvou muitas vidas. Um tempo duro que o coloca em posição muito favorável para lutarmos por ele. Mas também nos é nítido que ainda está um tanto distante do que merece a população, podendo ser mira fácil trabalhada pelos privatistas.

Saídas possíveis : Questões para o Brasil e MG

Lula, *“que faz mover a vontade coletiva para dizer basta e afirmar-se como alternativa real, viável e crível”*¹, nos mostra o caminho da Esperança, mas sabemos o que significa lutar contra forças fascistas e neoliberais neste país.

Citando o mesmo da DS do querido Raul Pont *“As forças que lutam pela democracia devem estar unidas para vencer os destruidores da democracia. A frente democrática mais ampla é aquela que cabe o povo. É a*

frente de esquerda com o programa que caminhe no rumo da utopia socialista.”.

Porque democracia é pra vencer a fome, a morte por ausência de vacina e cuidados sanitários públicos, o desemprego, o machismo, o racismo, a perseguição às pessoas Lgbtqi+, a exploração e a opressão, a entrega das riquezas aos capitalistas, o massacre das nações indígenas, a destruição da natureza. A conquista da democracia e a conquista de uma civilização para todas e todos são inseparáveis.”

Isto não se faz com neoliberais e liberais, em especial os centristas.

Unir e desburocratizar o partido e junto com as forças progressistas e de esquerda deste país, com movimentos sociais guerreiros, falar para e vocalizar junto com o povo, a voz do povo. É necessário que o PT se enraíze, seja forte e ousado no seu projeto para o Brasil, quase que refundando o Estado Brasileiro hoje bem estilhaçado. Que seja democrático e que de fato implemente a justiça Social.

Nossas alianças do passado deram em golpe ou em quase ofuscamento do partido (como no caso de BH). Alianças pontuais, não eleitorais, com liberais são bem-vindas para derrubar Bolsonaro. Mas seguir em frente com nossos pares para este novo olhar para o Estado Brasileiro é fundamental...Não a carta ao povo brasileiro de Palocci que com concessões absurdas na economia e nos programas sociais, em nome da governabilidade, deram em impeachment.

Eleger uma bancada federal de esquerda, pensar numa coalizão de forças éticas no parlamento para a reforma política e para resgate de direitos e novos direitos, que a DS está a aprofundar. Mas sempre saber que governabilidade se faz com o povo e assembleias populares, não só com o parlamento.

Em MG eleger deputados Estaduais comprometidos e ter candidato do PT a governador. Do contrário o mais do mesmo e de novo, nosso apagamento.

Em relação ao SUS caminhar e fazer com que o PT de fato priorize a saúde no seu caráter universal e público, que começa pelo aumento do financiamento **público** e pelo modelo de Estado, na sua gestão pública, que inibe a relação com o mercado privado predatório na saúde, isto se relacionando com a reforma tributária, com a mudança na lei de responsabilidade fiscal e nas amarras do Estado Brasileiro liberal (8666, etc), já constante do Plano de Reconstrução do Brasil. As modificações libertam nossas gestões. Também no seu modelo assistencial e na concepção do que é saúde, valorizando outras políticas que fazem adoecer e morrer, na sua ausência.

Na sua concepção que inclui a desigualdade estrutural que traspasa os corpos dos negros, das mulheres, daqueles que lutam para que qualquer maneira de amar e viver valha a pena, plagiando “Paula e Bebeto” e o nosso Juarez, dos jovens, em especial os pobres e negros, além dos loucos, dos usuários de drogas, da população privada de liberdade, dos moradores de rua e das pessoas com deficiências e idosos, devemos estar mais atentos no SUS. Apesar de ser sempre inclusivo, ainda se faz fundamental a escuta e a partilha com estas populações para de fato pensar os vazios para a sua atenção nos serviços de saúde, que os portadores de sofrimento mental parcialmente conquistaram, e, como devem ser estabelecidos o seu acesso e cuidados no SUS.

Nossas gestões petistas em MG e no Brasil devem resgatar o sempre dito e hoje tão esquecido – o modo petista de governar com o Orçamento Participativo e no SUS com a implantação do modelo assistencial que priorize a atenção primária em saúde, que pense a ação intersetorial nos territórios, que respeite a equidade e a integralidade. Que priorize a saúde e que lute por recursos sólidos dos vários níveis de governo. Que respeite a democracia, junto aos trabalhadores e busque encontro fraterno com os usuários, através de seus conselhos municipais e outros movimentos territoriais e na cidade, estimulando o vínculo entre gestores, trabalhadores e usuários.

Aqui o Plano de Reconstrução do Brasil na Saúde da FPA, que estamos a discutir nos Setoriais Estadual e Nacional e o Seminário Estadual que reivindicamos no NEEP para todo o Estado na saúde e parceiros de outros setoriais e direção. Vamos indo, numa sempre luta para democratizar e mudar o PT, hoje mais

sensível, talvez. Aqui um convite a participação nas instâncias partidárias da saúde.

Para tanto é necessário dialogar para além dos limites do partido e seus filiados, reconhecendo que o SUS é muito maior que o PT e ampliar sua base social nacional, estadual e municipal em frentes com representação dos seus pares e movimentos (Partidos e Frentes de Esquerda, Conselhos, Sindicatos, Entidades, Instituições formadoras, e a população). Consolidar a base social do SUS é o caminho a seguir, pois são estes atores os multiplicadores da defesa do SUS e da Vida. Isto é radicalizar a democracia. Aqui vale o exemplo da “Frente pela Vida”, nacionalmente.

Por fim a pandemia nos mostrou que lutar pela vida passa pela luta pela justiça social.

Sempre lutamos por um mundo melhor e com oportunidades para todos e todas, mas agora mais do que nunca se faz necessário lutar pelo SUS, pela redução das desigualdades sociais e pelo acesso a todas as políticas públicas, priorizando os mais vulneráveis, inclusive e para além das já descritas, com condições dignas de educação, cultura e lazer, como também de alimentação, emprego e renda. Lutar contra a redução destas diferenças sociais, portanto contra o Estado Mínimo Neoliberal.

Lutar pelo desenvolvimento sustentável no campo, nas cidades e nas florestas que inclui o não desmatamento e a preservação do meio ambiente, incluindo as águas, a economia solidária e a agroecologia, principalmente a vida dos povos originários das florestas e dos quilombos. Também o uso de combustíveis limpos, a inovação de novas modalidades de transporte coletivo nas cidades, bem como o provimento adequado deste transporte para a população. Lutar por moradia digna e condições ótimas de habitabilidade.

Lutar a favor da democracia entendida como acesso a direitos e o respeito a diversidade e àqueles que acumularam desvantagens ao longo dos tempos (os negros, as mulheres, as pessoas LGBTQIA+, a população de rua e carcerária, os indígenas e quilombolas, os loucos e os pobres). Lutar, principalmente, contra o fascismo e por uma cultura de paz, contra o armamento, a violência e o preconceito.

Lutar pelo encontro mais amoroso com a população com escuta ao seu saber e desejos e construção de identidades em cada local de trabalho, em cada bairro, em cada canto da cidade, em cada comunidade. Aprenderemos com ela... Vimos isto na pandemia...

Enfim a cidade do encontro, da alegria e da solidariedade. É este o rumo que devemos trilhar no nosso país, estado e nas nossas cidades. Rumo ao socialismo democrático, que se constrói em ideário, no dia a dia na partilha a partir de escutas e formulações com os pares.

E a nossa DS : Alguns caminhos a trilhar

A DS sempre discutiu a radicalidade da democracia e a escuta partilhada com a população... É isto que precisamos fazer...

Mas como?

Repetindo um pouco o dito acima:

– Se nas cidades que governamos, conforme descrito acima, podemos ser exemplo, em outras partes deste Brasil e na RMBH e MG, nossos sonhos, direitos, a cidadania da população e portanto, a democracia devem ser resgatados.

Resgate de políticas como o orçamento participativo, de moradia e urbanização de vilas e favelas, de um transporte coletivo condizentes com as necessidades da população e que não pactua com o lucro, das políticas de segurança alimentar e nutricional já desfinanciada e com viezes liberalizantes, a escola com dimensões da escola plural, de políticas de segurança cidadã e tantas outras. Enfim daquilo que chamamos da cidade do encontro. Juiz de Fora já dá seu exemplo, aqui e na gestão do SUS, inclusive numa concepção territorial e intersetorial.

Bolsonaro, Zema, Kalil não serão, por certo, nossos melhores parceiros se pudermos escutar em cada canto das cidades a voz da população e os vazios das políticas e do SUS.

Resgate que inclui um SUS robusto em todas as pontas do seu sistema (na atenção primária, prioritariamente, secundária e terciária) com gestão participativa e respeito as diretrizes do CMS e da população da cidade. Um SUS que reconheça a desigualdade social e estrutural no ato de cuidar, ouvindo nossa população mais vulnerável e qualificando as ações de saúde a ela destinadas. Também cabe ressaltar que o SUS deverá ser em sua concepção que lida com a desigualdade estrutural deve ser além de antimanicomial e feminista, antirracista, anticapacitista, LGBTQIA+ e deve acolher e cuidar melhor nos nossos serviços, com políticas claras e escuta de toda a nossa população, em especial, a mais vulnerável, incluindo também a juventude que muitas vezes sequer é escutada no SUS nos seus anseios e necessidades.

Aqui cabe dizer que os planos de saúde, não são alternativas ao SUS. A CPI da COVID denunciou a caricatura com a PREVENT Sênior. Mas por certo conforme sempre falamos e isto é verdade, saúde não é mercadoria e não é consumo. Saúde é direito público que cabe ao Estado seu provimento.

Ademais planos de saúde tem o cuidado imediatista, centrado no médico e em procedimentos. Temos que trabalhar com o cuidado que seja promotor de saúde, que cuide do indivíduo conectado a suas famílias e nos seus territórios, cujas necessidades vão além de consultas médicas. A ESF tem em seu modelo pré Bolsonaro e pré golpe são compostas por ACS, enfermeiras e técnicos de enfermagem. Os núcleos de apoio a Saúde da Família, com nutricionistas, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, psicólogos, educadores físicos, terapeutas ocupacionais, etc complementam o cuidado que promove e cuida da saúde. Sem falar na nossa política de saúde bucal e de saúde mental antimanicomial. Isto não existe nos planos. Este é só no SUS e deve ser ampliado e aprimorado. Só assim são evitáveis tantos agravos a saúde e encaminhamentos desnecessários.

Os planos são parciais. Seus procedimentos de alta complexidade são realizados no SUS. Isto nos planos de saúde mais abrangentes, o que não são a maioria.

Oneram o SUS, com renúncias fiscais e ausência de ressarcimento aos cofres do SUS.

São transitórios. O que seria dos demitidos e aposentados se não fosse o SUS?

São caríssimos e boa parte da população brasileira mal tem dado conta de cobrir seus custos.

E mais a absoluta maioria da população brasileira não tem planos de saúde e não podem dispor de recursos próprios para pagar pela sua saúde. Mais uma vez saúde não é consumo, é direito.

Assim lutar pelo SUS é ato ético e solidário.

Aqui quero também ressaltar que a fome, uma das mais cruéis tragédias deste tempo, mata agudamente, assim como a violência e o genocídio da população negra, outra cruel tragédia. A desassistência a saúde, mata agudamente como, por exemplo na pandemia, mas mata aos poucos ou com o cuidado sem qualidade, ou pela falta de acesso aos serviços de saúde. Assim também não deve ser relegada nas nossas lutas...

Também por isto, o militante do SUS não pode ser só gestor, trabalhador e usuário de conselhos de saúde. Somos todos e todas nós construindo com o povo a defesa, a melhoria da política de saúde e a sustentabilidade do SUS nos nossos governos e em governos de oposição. Assim como, o militante do SUS, tem que estar imbuído desta concepção e desta luta classista, antirracista, feminista e etc...O que as vezes não está hoje tão vivo...

– Mas a DS não pode estar só e tem que estar conectada e contar firmemente com as regionais do PT, na CUT, nas Frentes, Partidos de Esquerda e movimentos sociais fazendo esta discussão numa concepção frentista, que vai muito além do PT, que temos tentado fazer inclusive na coletiva. Aqui mapear a presença de movimentos territoriais é fundamental. A DS não é uma ilha, mas tem ousadia para construir identidades e parcerias. Não deve estar paralisada...

- Voltar a nossa existência para conquistar nossos pares sindicalistas, da saúde e para além dela, nossos conselheiros, nossos militantes nas regionais, nossos sanitaristas gestores e ex gestores, os trabalhadores da saúde, os professores formadores de quadros para o SUS, nossas vereanças, para pensarmos nas instâncias partidárias e nos espaços da DS, a nossa ação política.
- Os trabalhadores da saúde, muito valorosos e que salvaram tantas vidas na pandemia, já não são mais aqueles das décadas de 80, 90 e do início dos anos 2000... É preciso politizar sua ação em saúde que é tradução de um modelo de estado e de valores que defendem a vida. Reconquistar a missão de nossos sindicatos por tempo, formadores, e pensando junto com o Partidos e suas instâncias, com as universidades e escolas de formação do PT. Ação hoje que pode se qualificar com o nosso novo SindiSaúde.
- Os conselheiros também devem ser formados em ato e nossos conselhos devem ter cada vez mais ampliadas suas funções e a DS deve se esforçar para ter militantes, junto com o PT, nas comissões locais de saúde.
- As parcerias com nossos mandatos Coletiva, Moara, de Juiz de Fora, Dr Jean e os novos que vierem, além de pares dentro do PT e nas esquerdas, deve se dar dentro e fora da câmara com ações importantes, na defesa do SUS e da Vida construindo junto conosco e buscando conexão neste caminho com os vazios em que vive a população.
- Na DS conectar com jovens, negros, mulheres e a população LGBTQIA+, a população indígena e quilombola do campo e da cidade, os sindicatos e os trabalhadores, para interagir em nome do SUS que queremos e como devem os serviços do SUS atender as necessidades destas populações. Assim vamos nos formando e formando formadores o que pode nos conduzir a expansão da defesa do SUS, sobretudo da defesa da Vida, junto a população, formando de forma partilhada em ato.
- Devemos pensar nos núcleos de saúde ou de defesa da vida nos sindicatos de trabalhadores ou em outras formas de organização dos mesmos conectando saúde e processo de trabalho, a qualidade da atenção nos serviços de saúde, a concepção de saúde, a transitoriedade dos planos de saúde e a defesa do SUS.
- Formar núcleos territoriais acompanhando o modelo do núcleo da Cidade Industrial e das Quebradas do Aparecida e muitos outros que devem existir na DS espalhados por este Estado de MG.
- E formar formadores aonde quer que estejamos.

Seu sentido maior é que este encontro possa seguir no caminho de se enraizar nos locais de trabalho, nos movimentos e nos bairros/territórios da cidade dando potência de troca de saberes, escuta de necessidades reais e cotidianas, criação de identidades com nossos pares, petistas, que venham muitos, mas também não petistas. E, a partir daí, ações de luta rumo a defesa do SUS, da vida, da justiça social e da cidade do bem viver. Palavras como fascismo, neoliberalismo, socialismo, e o sentido do SUS e da Cidade do Encontro só farão sentido se forem construídas a partir das vivências e experiência de cada um e de cada comunidade/local de trabalho ou encontro, até mesmo as escolas.

Parece impossível e difícil. Não existem todos os caminhos e conforme o poeta “Golpe a golpe, verso a verso: Caminhante não há caminho e o caminho se faz ao andar.”

Se não formos nós se agirmos enxergando e procurando pares nos nossos caminhos os encontraremos e acharemos saídas... Se soubermos com paciência aglutinar sem querer todos de uma só vez, com vagar, mas com persistência, lá onde queremos, nos corações das pessoas, chegaremos...

Volta Lula, junto com o povo e Fora Bolsonaro!!!

Referências:

1. Por uma Frente de Esquerda no Brasil | Democracia Socialista – Artigos: 18/03/2021

2. Nota Conjuntura Fiscal – MG – Danilo Jorge Vieira – 2021
3. Documentos e discussões diversas da DS Saúde e DS, Núcleo PT BH e Setorial Estadual de Saúde MG, com contribuições decisivas dos militantes da DS MG e da DS.
4. Plano de Reconstrução do Brasil – Saúde – Fundação Perseu Abramo – 09/2020

Maria Angélica de Salles Dias –é militante da DS, do Núcleo de Saúde do PT BH e Setorial Estadual de Saúde MG.

Sobretudo uma produção coletiva nascida das nossas angústias, alegrias e reflexões, em especial com os militantes da DS e da DS Saúde...

Compartilhe nas redes: